

A hérnia da Saúde

2 NOV 1996

O GLOBO

O presidente Fernando Henrique viajou para o Chile prometendo escolher na volta o novo ministro da Saúde. Lá, deus sinais de que pode deixar o interino José Carlos Seixas ir ficando, tal como Alcides Saldanha nos Transportes. O que complica a vida de Fernando Henrique, na escolha do substituto de Adib Jatene, é a necessidade de promover mudanças no sistema e a dificuldade de fazer isso contra os interesses de sua base política.

Jatene caiu porque, como se diz no Governo, rendeu-se ao sistema "papai mande dinheiro" que move o Sistema Único de Saúde (SUS). Com os hospitais públicos sucateados e insuficientes, o atendimento é feito majoritariamente por hospitais privados, que no final do mês apresentam a conta ao papai. Jatene gastou quase R\$ 15 milhões este ano, precisava de mais, não lhe deram e ele voltou para o Incor.

Oito anos depois do SUS, não há dúvida quanto a três pontos.

1º) O Governo não gasta pouco, gasta mal. As fraudes comem boa parte dos recursos;

2º) Do jeito que está montado, o sistema consumirá todo o dinheiro que for dado à Saúde sem melhorar sua qualidade.

3º) É preciso mudar o modelo, garantindo, no mínimo, a sua plena municipalização.

Com a saída de Jatene, surgiu o momento para a mudança, a partir da escolha de um ministro disposto a enfrentá-la. Mas politicamente, a hora não é boa. Governo que busca a reeleição não deve brigar

agora com seus aliados. Ciro Gomes, que antes de se tornar uma espécie de tucano maldito chegou a ser cogitado para o cargo, é cético quanto a qualquer mudança e toca na ferida:

— O presidente está falando muito em nome técnico, mas o problema da saúde é político. Ele sabe que existe no Congresso uma poderosa bancada de donos de hospitais e que quase todos eles integram a base governista — aponta Ciro.

A tal bancada das AIHs (as autorizações de internação que valem dinheiro no SUS) é composta por cerca de 80 deputados de diferentes partidos, que estão ali para barrar mudanças neste modelo sem risco. Eles prestam serviços sem fiscalização e recebem sem contestação (embora com atraso). Hoje, de todo o dinheiro gasto com hospitais, 78% vão para a rede privada conveniada.

Mexer neste sistema é comprar briga. Talvez o Governo esteja disposto a comprá-la, mas depois da reeleição aprovada. Talvez por isso, não haja ministro novo agora.